

## TESTEMUNHO SOBRE D. ABÍLIO VAZ DAS NEVES

*Ir. Lúcia Lopes*

Por ser da mesma terra de origem de D. Abílio Vaz das Neves, Ifanes, Miranda do Douro, desde pequena que a pessoa dele cresceu na minha memória.

Como sou da idade de alguns dos seus sobrinhos, recordo-me das vezes em que ele vinha de férias, da Índia, e me juntava ao grupo de crianças a quem ele falava de Jesus.

Apesar de ser um homem que se impunha pela sua presença e dignidade de homem de igreja era uma pessoa simples, próxima, afável no trato e nunca perdeu o seu sotaque mirandês.

Tenho também presente o momento em que ele veio definitivamente para a Diocese de Bragança. Tinha eu sete anos. Na altura eu ainda não tinha a verdadeira noção do significado deste acontecimento, mas foi neste clima de verdadeiro impulso que a diocese viveu com a sua vinda que foi crescendo a minha vocação.

Foi num dos momentos da sua passagem por Ifanes, quando eu tinha 16 anos, que ele me interpelou: “Está na altura de decidires a tua vocação!” Logo me abri com ele, manifestando-lhe o meu desejo de ser religiosa. Nessa altura ele estava verdadeiramente empenhado na fundação da Congregação das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado e orientou-me na caminhada para a vida religiosa.

Este é um aspecto que eu gostaria de sublinhar: o acompanhamento que D. Abílio dava à juventude, usando todos os meios para atingir os jovens, desde reuniões na Casa Episcopal ao investimento na Catequese e sobretudo através da sua dedicação ao Sacramento da Reconciliação. Certamente que os outros dois oradores falarão também nesse aspecto. No entanto, eu refiro-me ao acompanhamento individual, ao aconselhamento espiritual que ele fazia, muito na linha do que tanto foi discutido neste último Sínodo dos Bispos sobre os jovens e o que o Papa Francisco deixou na Exortação Apostólica “Cristo Vive” que faz “ressaltar a grande necessidade de figuras de referência” para os jovens e fala de algumas características que eu reconheço estarem presentes na forma de acompanhamento que D. Abílio fazia aos jovens: “que procure constantemente a santidade; que compreenda, sem julgar; que saiba escutar ativamente as necessidades dos jovens e possa responder-lhes com gentileza; que seja muito bondoso e consciente de si próprio; que re-conheça as suas limitações e que conheça a alegria e o sofrimento que todo o caminho espiritual implica.” (CV 246)

Durante a vida religiosa sempre vi em D. Abílio um pai espiritual e o mesmo a generalidade das Irmãs da Congregação, a quem ele procurava orientar e aconselhar.

Com o Governo Geral da Congregação tinha a mesma atitude. Apesar de ter a legitimidade de fundador, aconselhava e advertia, mas sem nunca impor as suas ideias.

Sempre foi um homem muito espiritual e via a formação como fundamental na vida religiosa. Achando que a formação seria a melhor ferramenta para a renovação, ele aconselhava que as Irmãs tivessem uma sólida formação, não apenas espiritual, mas também técnica, dentro dos serviços a que eram destinadas.

Quando veio do Concílio Vaticano II trazia ideias novas e desejo de implementar aquilo que ali tinha vivido, apesar de ter de se confrontar com mentalidades pouco abertas à inovação. Aliás ele era um homem cuja clarividência e abertura se destacava neste meio.

É justo salientar o seu apreço pela vida religiosa, dado que, além da fundação da minha Congregação ele abriu as portas a vários Institutos de vida Consagrada.

Depois da sua resignação passou os últimos anos da sua vida na Casa Paroquial de Chacim, onde até à sua morte funcionava a Casa Geral da Congregação. Ali estava atento e disponível para continuar a acompanhar a sua Congregação: dava aulas às noviças, orientava retiros e era uma presença que escutava, rezava e estimulava.

Apesar de não ser ele a fonte de onde brotou a inspiração primordial do nosso Carisma, ele foi o homem que soube ler os sinais dos tempos e apostou e esperou, tantas vezes “contra toda a esperança” ver esta família religiosa que ele ajudou a consolidar com tanto esforço e que, 11 anos após a sua morte, teria o estatuto de Instituto de Direito Pontifício.

Hoje, passando 125 anos do seu nascimento, em nome de toda a Congregação, dou graças a Deus pelo dom da sua vida e deixo aqui o meu tributo de homenagem à sua memória.

Bragança, 8 de Junho de 2019